

A SEMANA – 173

John Gledson

“O coração lembrado e grato”: as palavras que Machado aplica a Tomás Coelho, a quem deveu a sua primeira importante promoção na burocracia, em 1876, poderiam também aplicar-se a Francisco Otaviano, morto há seis anos, e que lembra em seguida na ocasião do falecimento da sua viúva. A sua posição de dependência de ambos sem dúvida aumentava estes sentimentos, quanto mais quando havia, como nestes dois casos, respeito e admiração mútuos. O comentário sobre as árvores da rua do Cosme Velho é curioso e até divertido; o cronista que se diverte às custas dos bondes elétricos, e opõe-se em termos gerais às mudanças na cidade, muda de atitude quando se trata do seu próprio trajeto para o centro. E não esconde o interesse pessoal, apesar de não ser acionista da “Botanical Garden”: os bondes de que se trata “não passam *até aqui* do largo do Machado”. É interessante que, apesar de ser testemunha direta, Machado segue (e rebate) os argumentos e exemplos da reportagem da *Gazeta*.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 255-258.



A SEMANA

22 de setembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A semana acabou com um tristíssimo desastre. Sabeis que foi a morte do conselheiro Tomás Coelho, um dos brasileiros mais ilustres da última geração do império.¹ Não é mister lembrar os cargos que exerceu naquele regímen, deputado, senador, duas vezes ministro, na pasta da guerra e da agricultura. Se o império não tem caído, teria sido chefe de governo, talhado para esse cargo pela austeridade, talento, habilidade e influência pessoal.

Os que o viram de perto poderão atestar o afinco dos seus estudos e a tenacidade dos seus trabalhos. Unia a gravidade e a afabilidade naquela perfeita harmonia que exprime um caráter sério e bom. No mundo econômico exerceu análoga influência à que tinha no mundo político. A ambos, e a toda a sociedade deixa verdadeira e grande mágoa. Nem são poucos os que devem sentir palpitar o coração lembrado e grato.

A morte de Tomás Coelho, em qualquer circunstância, seria dolorosa; mas o repentino dela tornou o golpe maior. Às 5 horas da tarde de sexta-feira subiu a rua do Ouvidor, tranquilo e conversando; mais de um amigo o cortejou, satisfeito de o ver assim. Nenhum imaginava que quatro horas depois seria cadáver.

Outro óbito, não de homem político, mas que faz lembrar um varão igualmente ilustre, começou enlutando a semana. Há alguns anos que se despediu deste mundo um

¹ Tomás José Coelho de Almeida (1838-1895) foi ministro da agricultura em 1876, e Machado deveu-lhe a importante promoção a chefe de seção. Já na crônica de 20-21 de maio de 1888 de “Bons Dias!”, referira-se a ele (então ministro da guerra) como “homem justo, da tribo de Campos” (onde era dono de engenho). Era uma admiração mútua; Coelho compareceu à cerimônia em que Machado foi promovido a oficial da Ordem da Rosa, em 1888. A notícia da sua morte súbita, de síncope cardíaca, na casa de um amigo, aparece na *Gazeta* de sábado, 21 de setembro. Era diretor do Banco da República, e do Banco do Brasil sob o antigo regímen; era também, notoriamente, monarquista. Entre outras coisas diz a notícia: “A sua administração em qualquer das pastas assinalou-se pelos melhores serviços, sendo que entre os seus colegas a sua palavra e o seu conselho eram sempre ouvidos com grande acatamento.” A notícia do enterro vem no mesmo dia da crônica: houve mais de 300 carruagens. Entre os muitos presentes estava Machado de Assis.

dos seus atenienses: Otaviano.² Aquele culto e fino espírito, que o jornal, que a palestra, e alguma vez a tribuna, viram sempre juvenil, recolhera-se nos últimos dias, flagelado por terrível enfermidade. Não perdera o riso, nem o gosto, tinha apenas a natural melancolia dos velhos. Amigos iam passar com ele,³ para ouvi-lo somente, ou para recordar também. Os rapazes que só tenham vinte anos não conheceram esse homem que foi o mais elegante jornalista do seu tempo, entre os Rochas, e Amarais, quando apenas estreava este outro que a todos sobreviveu com as mesmas louçanias de outrora: Bocaiuva.⁴

A casa era no Cosme Velho. As horas da noite eram ali passadas, entre os seus livros, falando de coisas do espírito, poesia, filosofia, história, ou da vida da nossa terra, anedotas políticas, e recordações pessoais. Na mesma sala estava a esposa, ainda elegante, a despeito dos anos, espartilhada e toucada, não sem esmero, mas com a singeleza própria da matrona. Tinha também que recordar os tempos da mocidade vitoriosa, quando os salões a contavam entre as mais belas. O sorriso com que ouvia não era constante nem largo, mas a expressão do rosto não precisava dele para atrair a D. Eponina as simpatias de todos.

Um dia Otaviano morreu. Como as aves que Chateaubriand via⁵ irem do Illyssus⁶, na emigração⁷ anual,⁸ despediu-se aquela, mas sozinha, não como os casais de

² Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) foi outra figura importante na vida de Machado, pois foi das primeiras amizades fortes e influentes que fez na literatura e no jornalismo, já em 1859. Era mulato, como Machado, e desempenhou papéis importantes na política e na diplomacia: a literatura, porém, era o seu amor principal; fez muitas traduções, de línguas clássicas e modernas. A sua admiração por Machado foi sólida: em maio de 1881, disse em carta que “de nossos contemporâneos és o príncipe”. Quando morreu, Machado dedicou-lhe uma nota relativamente curta mas muito comovida na *Gazeta* (29 de maio de 1889).

³ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “iam passar com ele algumas horas”. As duas palavras finais são uma correção silenciosa, e sem dúvida errada, do editor, que achava que “passar” não podia passar sem complemento. Mário de Alencar não estranha, e reproduz o texto do jornal.

⁴ Três jornalistas: Justiniano José da Rocha (1812-1862), jornalista célebre das primeiras décadas do Segundo Reinado, e autor do importante panfleto *Ação, reação, transação*; “Amaral” parece ser Ângelo Tomás do Amaral (1822-1911), que adquiriu o *Jornal da Tarde* em 1869, e convidou Machado a participar; Quintino Bocaiuva (1836-1912), como se sabe, foi grande amigo de Machado desde jovem, apesar das divergências políticas. Neste momento, era redator-chefe de *O Paiz*, o grande rival da *Gazeta*.

⁵ Na *Gazeta* está claramente “via”. Mário de Alencar e Aurélio, ambos têm “viu”. O imperfeito até traduz melhor o espírito, se não a gramática, da citação de Chateaubriand (“je les vis souvent”).

⁶ Está assim na *Gazeta*. Modernamente seria “Ilisso”. Parece claro que Machado, como no caso de “papyrus” na crônica de 8 de setembro (171), preferiu esta versão alatinada da palavra, em “us”, que preferimos manter. Mário de Alencar tem “Illyssus”; Aurélio, Ilíssus.

⁷ Notando que o jornal tem “imigração” (“immigração” na ortografia da época), Aurélio diz que é provavelmente lapso de autor. Estará com a razão, dado o sentido da frase como um todo (“irem”, “despediu-se”). Mário de Alencar tem “imigração”.

⁸ Citação da primeira parte do *Itinéraire de Paris à Jérusalem* (1811), de François-René de Chateaubriand (1768-1848), das mais repetidas por Machado. Em seu capítulo “As repetições de Machado de Assis”, em *Machado de Assis desconhecido* (p. 205-207), Raimundo Magalhães Júnior lista pelo menos seis casos, que vão de 1863 (n.º *O Futuro*) até 15 de novembro de 1896 (onde menciona o *Itinéraire*), passando por *Memórias póstumas* (primeiro capítulo), e pelo poema “herói-cômico”, *O Almada*. O rio, na Antiguidade,

arribação. D. Eponina ficou, mas acaba de sair também deste mundo. Morreu e enterrou-se quarta-feira.⁹ Quantas se foram já, quantas ajudam o tempo a esquecer-las, até que a morte as venha buscar também! Assim vão umas e outras, enquanto este século se fecha e o outro se abre, e a juventude renasce e continua. Isso que aí fica é vulgar, mas é daquele vulgar que há de sempre parecer novo como as belas tardes e as claras noites. É a regra também das folhas que caem... Mas, talvez isto vos¹⁰ pareça Millevoye em prosa; falemos de outro Millevoye sem prosa nem verso.¹¹

Refiro-me às árvores do mesmo bairro do Cosme Velho, que, segundo li, já foram e têm de ser derrubadas pela Botanical Garden. A *Gazeta* por si, e o *Jornal do Commercio*, por si e por alguém que lhe escreveu, chamaram a atenção da autoridade municipal para a destruição de tais árvores, mas a Botanical Garden explicou que se trata de levar o bonde elétrico ao alto do bairro, não havendo mais que umas cinco

corria fora dos muros de Atenas. O próprio Chateaubriand usa a imagem mais de uma vez. Eis aqui a passagem original: ele está contrastando a secular migração das cegonhas com a mutabilidade das coisas humanas (em Atenas naquele momento, a superposição de três culturas, a antiga, a muçulmana, e a cristã):

“Cette mobilité des choses humaines est d’autant plus frappante qu’elle contraste avec l’immobilité du reste de la nature. Comme pour insulter à l’instabilité des sociétés humaines, les animaux n’éprouvent ni bouleversements dans leurs empires ni altérations dans leurs mœurs. J’avais vu, lorsque nous étions sur la colline du Musée, des cigognes se former en bataillon et prendre leur vol vers l’Afrique. Depuis deux mille ans elles font ainsi le même voyage; elles sont restées libres et heureuses dans la ville de Solon comme dans la ville du chef des eunuques noirs. Du haut de leurs nids, que les révolutions ne peuvent atteindre, elles ont vu au-dessous d’elles changer la race des mortels; tandis que des générations impies se sont élevées sur les tombeaux des générations religieuses, la jeune cigogne a toujours nourri son vieux père. Si je m’arrête à ces réflexions, c’est que la cigogne est aimée des voyageurs; comme eux, ‘elle connaît les saisons dans le ciel’. Ces oiseaux furent souvent les compagnes de mes courses dans la solitude de l’Amérique; je les vis souvent perchés sur les wigwum du sauvage; en les retrouvant dans une autre espèce de désert, sur les ruines du Parthénon, je ne pus m’empêcher de parler un peu de mes anciens amis.” [Esta mutabilidade das coisas humanas é tanto mais impressionante no seu contraste com a imobilidade do resto da natureza. Como para insultar a instabilidade das sociedades humanas, os animais não sofrem nem convulsões nos seus impérios nem alterações nos seus costumes. Tinha visto, quando estávamos sobre a colina do Museu, várias cegonhas formar-se em batalhão e levantar voo em direção à África. Há dois mil anos fazem assim a mesma viagem; permaneceram livres e felizes na cidade de Sólon como na do chefe dos eunucos negros. Do alto dos seus ninhos que as revoluções não podem atingir, elas viram embaixo delas mudar a raça dos mortais; enquanto as gerações ímpias elevaram-se sobre as tumbas das gerações religiosas, a jovem cegonha sempre nutriu seu velho pai. Se me detenho nestas reflexões, é que a cegonha é querida dos viajantes; como eles, “conhece as estações do céu”. Estes pássaros foram muitas vezes os companheiros de minhas jornadas na solidão da América; vi-os muitas vezes pousados sobre as tendas do selvagem; achando-os numa outra espécie de deserto, sobre as ruínas do Partenon, não pude deixar de falar um pouco de meus velhos amigos.]

⁹ D. Eponina de Almeida Rosa tinha sido uma das belezas do seu tempo, e reputada amante de d. Pedro II, que a tuteava nas suas cartas. Em carta de 22 de setembro para Salvador de Mendonça, Machado fala desta morte, e diz: “Morreu quarta-feira, e uma só folha, creio, deu notícia da sua morte, sem uma só palavra, a não ser o nome do marido. Assim se vão as figuras de outrora!”

¹⁰ A *Gazeta* tem “nos”, e é seguida por Mário de Alencar. Aurélio tem “vos”, que faz melhor sentido (o “n” e o “v” são também facilmente confundíveis na escrita).

¹¹ Charles-Hubert Millevoye (1782-1816), poeta francês, “estrela pálida e doce”, segundo Sainte-Beuve, autor de várias elegias, das quais a mais famosa é “La chute des feuilles”, que conta a história de um jovem doente que morre num bosque outonal.

árvores destinadas à morte.¹² Achei a explicação aceitável. Os bondes de que se trata não passam até aqui do largo do Machado. As viagens são mais longas do que antes, é certo, mas não é por causa da eletricidade; são mais longas por causa dos comboios de dois e três carros, que param com frequência. A incapacidade de um ou outro dos chamados motorneiros é absolutamente alheia à demora. Pode dar lugar a algum desastre, mas a própria companhia já provou, com estatísticas, que os bondes elétricos fazem morrer muito menos gente que o total dos outros carros.

Demais, é natural que nas terras onde a vegetação é pouca, haja mais avareza com ela, e que em Paris se trate de salvar o Bois de Boulogne e outros jardins. Nos países em que a vegetação é de sobra, como aqui, podem despir-se dela as cidades. Uma simples viagem ao sertão leva-nos a ver o que nunca hão de ver parisienses. Assim respondo à *Gazeta*, não que seja acionista da companhia, mas por ter um amigo que o é. Nem sempre os burros hão de dominar. Se os do Ceará nos deram o exemplo de jornadas ao lado da estrada de ferro, concorrendo com ela no transporte da carga, foi com o único fito de defender o carrancismo. Burro é atrasado e teimoso; mas os do Ceará acabaram por ser vencidos.¹³ O mesmo há de acontecer aos nossos. Agora, que a vitória da eletricidade no Cosme Velho e nas Laranjeiras devesse ser alcançada poupando as árvores, é possível; mas sobre este ponto não conversei com autoridade profissional.

¹² Na *Gazeta* do dia 18 de setembro (quarta-feira), p. 1, col. 5. aparece esta notícia, sob a manchete “ÀS ARMAS!”: “É caso para revolução, se os vândalos que têm andado aí pela cidade a devastar árvores, atacam agora as do Cosme Velho. Desta vez é a companhia do Jardim Botânico, que quer instalar nesse lugar, um dos mais formosos do Rio de Janeiro, a horrenda caranguejola com que enfeia as ruas para por elas passarem os seus bondes elétricos, esmagando pernas. / Até hoje, pode-se dizer que o público ainda não tirou proveito algum de tal melhoramento, que se tem aproveitado a alguém é unicamente à companhia. As viagens nada ganharam com essa rapidez, porque se os carros andam três vezes mais depressa, em compensação, graças aos comboios, param três vezes mais, e no fim dá certo, é sempre o mesmo passo de tartaruga; isto sem contar as interrupções, mais frequentes que com a tração animal. / (...) Elas [as árvores] não são só úteis para o saneamento do lugar, são de uma beleza incomparável, ao do Cosme Velho, e só bárbaros podem pensar em destruí-las para pôr em seu lugar os postes e arames desgraciosos dos já célebres elétricos. / Nós não temos quem cuide de aformosear a cidade pela arte, mas ao menos não devemos consentir que nos privem das belezas naturais em proveito de uma empresa particular. / Dizem-nos que os moradores do lugar opuseram-se à devastação; têm razão às carradas, e devem opor-se até pela força. É uma barbaridade e uma barbaridade inútil destruir aquilo que se não pode fazer de novo. / Ainda há pouco publicamos notícia dos esforços que faz a comissão da exposição universal de 1900 em Paris para não tocar nas árvores, e no entanto trata-se de coisa muito mais importante e grandiosa que a instalação dos elétricos; mas é que em Paris tem-se a noção do útil e do belo, e isto aqui não diremos que é um país de botocudos, para não injuriar os botocudos.” No sábado, dia 21 (p. 2, col. 5) vem a notícia de que a companhia quer deitar abaixo apenas cinco árvores (e árvores *velhas*, insistem). No *Jornal do Commercio*, o assunto também aparece nessa quarta-feira (p. 3, col. 6), na reportagem sobre a sessão do Conselho Municipal, em que o sr. Herédia de Sá diz que os moradores da rua reclamam contra o abuso que está cometendo a companhia, que, “para colocar as suas redes elétricas, tem estragado de uma maneira extraordinária os arvoredos existentes naquela rua”; e diz ainda o orador: “O grande bosque existente na parte terminal da rua Cosme Velho é de grande vantagem para a higiene...”

¹³ Não encontrei a notícia que deu origem a este comentário.

Ao menos conto que não terão posto abaixo alguma das árvores da chácara de D. Olímpia, naquele bairro, – a mesma que o Sr. Aluísio Azevedo afirma ter escrito o *Livro de uma sogra*, que ele acaba de publicar, e que eu vou¹⁴ acabar de ler.¹⁵



¹⁴ Na *Gazeta*, e em Mário de Alencar está assim. Aurélio omite o “eu”.

¹⁵ Ver a crônica seguinte.